

## OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO EM DISCIPLINAS TEÓRICO-PRÁTICAS: A EXPERIÊNCIA DO ENSINO DA ALFAIATARIA ARTESANAL

**Juliana BARBOSA**

*Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG*

[julianawinck@eba.ufmg.br](mailto:julianawinck@eba.ufmg.br)

**Daisy Moreira CUNHA**

*Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG*

[daisycunhaufmg@gmail.com](mailto:daisycunhaufmg@gmail.com)

**Resumo:** A imposição do ensino remoto como alternativa para o isolamento imposto pela pandemia da Sars-Cov2, colocou os professores frente a desafios até então não imaginados em suas práticas educativas, ainda maior quando consideramos disciplinas teórico-práticas que dependem do uso de laboratórios e equipamentos específicos. A investigação apresentada trata da experiência de um curso de graduação em uma Instituição Pública Federal de ensino superior – Brasil, onde disciplinas artesanais como a alfaiataria, estamperia, entre outras, em um primeiro momento foram preservadas e, temporariamente, substituídas por disciplinas apenas teóricas, a fim de que esses conteúdos fossem retomados ao fim do período de isolamento. No entanto, a falta de políticas de enfrentamento à COVID no Brasil, fez com que esse período se estendesse, chegando a completar dois anos de afastamento das salas de aula. Diante deste cenário, as disciplinas antes preservadas, tiveram que ser repensadas e ofertadas de alguma maneira, tornando-se necessário criar alternativas para que essas disciplinas fossem ministradas de modo satisfatório, contemplando o conteúdo sem prejuízo aos alunos. A situação que será apresentada trata da experiência do ensino remoto da alfaiataria utilizando uma série de videoaulas, desenvolvidas passo a passo e apresentadas entre encontros síncronos e assíncronos de modo a permitir a total compreensão por parte do aluno na execução da tarefa proposta. A inserção forçada de mediadores novos na relação ensino-aprendizagem, por meio de tecnologias de ensino como a do audiovisual, exigiu uma série de conhecimentos e saberes tanto do docente quanto do discente que se viu diante de uma nova dinâmica de classe. No entanto, são novos caminhos para que os conteúdos ministrados, em período posterior ao isolamento da pandemia, sejam ofertados de maneira híbrida contemplando assuntos que antes não eram abordados presencialmente por uma série de fatores: carga horária insuficiente, falta de monitores ou ainda, salas superlotadas. A imposição inesperada do uso desses recursos tecnológicos em nossas práticas de ensino trouxe muitos desafios e angústias, mas também novos olhares e perspectivas.

**Palavras-chave:** alfaiataria, ensino remoto, convergência tecnológica.

### INTRODUÇÃO

A chegada da pandemia da Sars-Cov2 e o isolamento social imposto de maneira tão abrupta, deixou a todos nós enquanto sociedade, diante de um grande desafio: como seguir a vida com nossas obrigações e deveres de maneira remota? Ninguém seria capaz de imaginar um cenário tão caótico – em se tratando de Brasil – muito menos duradouro, apesar desse alerta ter sido dado por cientistas e pesquisadores da área.

No meio acadêmico brasileiro houve um duplo movimento, distinto entre os universos da esfera privada e da esfera pública. Ambas estavam submetidas as orientações dadas pelo Ministério da Educação por meio da Portaria 343 de 17 de março de 2020 que autorizava a substituição das aulas presenciais por aulas remotas num período de até 30 dias. A situação foi se agravando e os prazos foram sendo dilatados por meio de outras portarias (PR 345), (PR 473), até que em junho de 2020, a portaria 544 autorizou a substituição das disciplinas presenciais por atividades letivas que utilizassem recursos educacionais digitais, tecnologias de informação e comunicação, ou outros meios convencionais enquanto durasse a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19.

Desde a primeira portaria emitida pelo Ministério da Educação, a rede privada de ensino rapidamente buscou alternativas para que as aulas fossem transferidas para o ambiente virtual, enquanto que a rede pública de ensino se manteve nos cinco primeiros meses, totalmente paralisada, sem algum tipo de atividade remota, na expectativa de que o retorno aconteceria ao término do prazo inicialmente estabelecido com a reposição das aulas.

Outro fator levado em consideração para a paralisação total estava relacionado a falta de estrutura tecnológica por parte de professores e alunos, principalmente os alunos, considerando a precariedade de muitos deles, que nem sempre dispunham de computadores pessoais, internet ou mesmo espaço físico adequado para estudar e realizar suas tarefas remotamente. Entende-se aqui supostamente, nas situações em que a família inteira estava em confinamento, trabalhando remotamente, compartilhando espaço físico e computadores.

Ao final do primeiro semestre e diante da Portaria 544, sem a probabilidade de um retorno imediato, as instituições públicas forçosamente se organizaram de modo a oferecer as aulas de maneira remota dentro das possibilidades que lhes eram permitidas, com a oferta de aulas síncronas e assíncronas por meio das mais diversas plataformas e dispositivos digitais. A recomendação dada aos professores em geral, foi a de que as aulas deveriam ser gravadas e salvas para que o aluno tivesse condições de revê-las de acordo com seus horários e disponibilidade de acesso aos dispositivos digitais.

Este artigo tratará da experiência do Curso de Graduação em uma Instituição Pública Federal de ensino superior, com a implementação da disciplina no formato intitulado como ERE – Ensino Remoto Emergencial, em específico, a dinâmica adotada na disciplina teórico-prática de construção do vestuário: Alfaiataria Artesanal Tradicional.

Nesse curso, inicialmente as disciplinas teórico-práticas obrigatórias que dependiam do uso dos laboratórios foram preservadas, e provisoriamente, em substituição a elas foram ofertadas disciplinas optativas dos mais variados temas, sem prejuízo ao currículo do aluno, porém não era previsto um isolamento tão longo como o que ocorreu, chegando ao prazo de quatro semestres. Desta maneira, no terceiro semestre iniciado em 2021, diante da realidade iminente de retenção de alunos que acabaria por ocasionar um transtorno ainda maior a curto prazo, tornou-se necessário a busca por alternativas que pudessem contemplar a oferta das disciplinas práticas.

Neste texto será relatado o planejamento da disciplina acima citada, a dinâmica das aulas e os resultados obtidos bem como uma análise das competências e habilidades exigidas para o desenvolvimento dos conteúdos e as perspectivas a partir dessa experiência, considerando a possibilidade de um ensino híbrido, apoiado no uso das TICs, tão logo a situação seja normalizada.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A imposição da oferta de disciplinas práticas na modalidade remota, exigiu dos professores uma série de conhecimentos e saberes no intuito de repensar toda a estratégia de ensino, de buscar novas ferramentas e compreendê-las num curto espaço de tempo, podendo este ser considerado um dos grandes desafios impostos aos professores das disciplinas práticas, principalmente àqueles que fizeram uso dos recursos audiovisuais de ensino, a videoaula em específico.

Em circunstâncias normais, uma videoaula é concebida como um artefacto pedagógico produzido por muitas pessoas, que se dedicam a partes específicas do processo tais como: roteirista, revisor textual,

diretor de vídeo, operador de câmera, assistente de direção, editor de vídeo e ilustrador, sendo a quantidade dos profissionais envolvidos diretamente proporcional à complexidade do conteúdo da videoaula pretendida (PEREIRA, 2017).

Além de uma equipe preparada para dar este suporte, há também um treinamento específico para o professor que protagonizará a cena, a fim de evitar erros e regravações, eliminando boa parte do retrabalho impactando diretamente na redução do tempo e nos custos, devido ao menor número de horas de mão de obra empregada (SPANHOL; GREICY, 2009).

O equipamento necessário também é outro ponto importante para a concepção e produção desse tipo de recurso pedagógico: câmeras profissionais, tripés, equipamentos de iluminação, microfone de lapela, teleprompter (equipamento acoplado ou não à câmera, para auxiliar na leitura de textos) entre outros.

Em se tratando do Ensino Remoto Emergencial – ERE, o isolamento social, a escassez de tempo e de recursos, fez com que muitos professores lançassem mão de um aparelho celular para gravar suas videoaulas de maneira artesanal, e segundo Pereira (2017), as concebendo tal qual o modelo fordista, em que o professor é o responsável por todo o processo de produção do artefato, desde a roteirização à circulação na Internet, passando pela gravação, edição, etc.

Apesar da falta de preparo do professor e condições tecnológicas adequadas, tal empenho do docente justificou-se pelo fato de que, muitas vezes um vídeo pode ser a única forma de comunicação entre educando e educador para além do texto. Fóruns e chats podem se apresentar como importantes ferramentas de interação entre os sujeitos envolvidos no processo educacional, “mas, às vezes, uma diferente entonação da fala, ou um gesto corporal, ajudam a diminuir possíveis ruídos na comunicação” (MAZZEU & AMBROZIO, 2012, p.2).

A escolha do recurso do audiovisual se deu por compreender que imagem e palavra deveriam se apresentar juntas, evidenciando os gestos mais sutis. Pois a imagem em movimento é capaz de capturar e oferecer detalhes que por vezes são difíceis de traduzir em palavras, “comunicando e expressando o que, muitas vezes, os textos escritos ou orais não conseguiriam manifestar” (DIAS, 2008, p.226).

Seria o caso da alfaiataria com todo o seu rigor, concebida nos detalhes, em que o movimento mais simples de empurrar a agulha com o apoio do dedal, por exemplo, torna-se uma tarefa demasiadamente complexa se descrita textualmente, ao passo que é compreendida facilmente por meio do audiovisual.

## **O DESAFIO DE SE OFERTAR UMA DISCIPLINA PRÁTICA REMOTAMENTE**

A disciplina “Acabamentos em Alfaiataria” a ser discutida diz respeito a confecção do vestuário nos preceitos da alfaiataria, área em que a utilização do laboratório de confecção se faz importante em determinada medida, uma vez que o aluno de posse de uma máquina de costura doméstica, ou até mesmo na sua ausência, utilizando apenas pontos a mão, poderia desenvolver a peça proposta: um colete de alfaiataria artesanal. Esta disciplina apesar de inédita, viria ser equivalente a uma das disciplinas obrigatórias, denominada “Acabamentos em Confecção”, abordando conteúdos ainda mais amplos que a própria disciplina originalmente contempla, e logo, equiparando-a.

É importante destacar que o conteúdo proposto, abordando técnicas da alfaiataria artesanal, nunca fora ofertado antes pelo grau de complexidade e inúmeras etapas exigidas para a elaboração da peça proposta, algo inviável em se tratando de turmas com ocupação média de até 25 alunos e sem apoio de monitoria, não permitindo que o professor oferecesse algo além do básico atribuído à disciplina.

A carga horária disponível para a oferta destes conteúdos como disciplinas optativas, também se mostrava demasiadamente insuficiente, pois as tarefas, dependendo exclusivamente da exposição do professor em sala de aula, acontecem em um ritmo lento, no cuidado constante de fazer com que todos os alunos obtenham o perfeito entendimento da etapa proposta, e só então, avancem para as etapas posteriores.

A oferta dos conteúdos para essa disciplina foi planejada por meio de videoaulas gravadas previamente e disponibilizadas à medida que o conteúdo era abordado nos encontros síncronos. Foram produzidos ao todo 34 vídeos, disponíveis aos alunos para que fossem visualizados de acordo com a disponibilidade de tempo e de acesso de cada um deles ao material. Utilizou-se um repositório de vídeos comum, conhecido globalmente, por meio de um link privado, pela facilidade de edição por parte do professor e de acesso por parte do aluno. Posteriormente, 20 dos 34 vídeos tornaram-se públicos, com alcance da comunidade em geral, um pedido dos próprios alunos para que continuassem tendo acesso ao conteúdo de maneira facilitada e não apenas por *links* privados.

Ao final foi aplicado um questionário, possibilitando levantar dados das percepções dos alunos em relação às dificuldades encontradas, críticas e sugestões.

## **ORGANIZAÇÃO DO CONTEÚDO E DINÂMICA DE TRABALHO**

A convergência tecnológica para a oferta de uma disciplina teórico-prática, exigiu um certo domínio por parte dos alunos com relação ao instrumental técnico básico, tais como a elaboração dos traçados e o conhecimento da máquina de costura, caso a utilizassem, sendo desejável que já tivessem cursado as disciplinas iniciais de Modelagem do Vestuário. No entanto, como a disciplina elaborada se apresentava como optativa, não poderia exigir qualquer pré-requisito, decisão acordada entre os professores nas primeiras reuniões de NDE (Núcleo Docente Estruturante). Diante disso, essas questões foram expostas aos alunos no primeiro encontro síncrono para que eles então, cientes do que seria abordado na disciplina e das habilidades exigidas, pudessem optar entre seguir ou cancelar a matrícula. Importante destacar que, na primeira aula síncrona, verificou-se que a maior parte dos alunos que se matricularam na disciplina de “Acabamentos em Alfaiataria”, possuía máquina de costura doméstica ou industrial, não sendo este um impeditivo para a permanência na disciplina.

Foram realizadas ao todo 42 matrículas, e após a aula inicial 35 permaneceram matriculados. Destes, foram aprovados ao término da disciplina um total de 26 alunos.

Todo o conteúdo abordado nas aulas foi previamente gravado, editado e também fotografado para ser apresentado de maneira mais dinâmica durante as aulas síncronas. Desta forma, o aluno possuía a sua disposição dois tipos de aula: a primeira, resultado da gravação do encontro síncrono em que o tema era abordado em formato de apresentação de imagens – PowerPoint – com a explanação do conteúdo em detalhes, a explicação da professora e posterior discussão sobre eventuais dúvidas. E uma segunda aula, gravada, exclusivamente, com o intuito de abordar todo o processo de confecção da peça no momento da execução, destacando os gestos, os movimentos e as ações em um passo a passo, rico em detalhes, tal qual seria durante em uma aula presencial, evidenciando pontos importantes do trabalho, chamando a atenção do aluno para minúcias da tarefa que seriam difíceis de traduzir utilizando apenas texto e imagem estática.

Durante a aula síncrona era apresentado aos alunos a tarefa que deveria realizar nos dias posteriores e enviada ao professor por meio do registro fotográfico. Foi aberto um fórum na plataforma “Moodle” (ambiente virtual de aprendizagem – AVA, adotado pela Instituição em questão) para que as dúvidas fossem discutidas e desta maneira compartilhadas com todos os alunos da disciplina, o que facilitou o trabalho do professor, uma vez que, assim como ocorre no ensino presencial, muitas das dúvidas são bastante comuns entre eles.

Outra plataforma adotada por esta Instituição de Ensino como auxílio ao Moodle durante o período do ERE foi a *Teams* da *Microsoft*, concentrando as aulas síncronas e o chat das comunicações de ordem privada. Nesse canal foi possível manter uma conversa mais pontual e objetiva na resolução de dúvidas particulares, possibilitando o envio de imagens e também vídeos por parte do aluno quando solicitado pelo professor.

## AS HABILIDADES E COMPETÊNCIAS EXIGIDAS DO PROFESSOR PARA A ELABORAÇÃO DO CONTEÚDO

Nessa experiência, a maior dificuldade enfrentada na transição da aula presencial teórico-prática para o modelo virtual foi a concepção e a elaboração das videoaulas, desde questões básicas de como operar uma câmera – mesmo sendo esta, a de um aparelho celular – questões relacionadas ao preparo de um roteiro de aula e finalmente, sobre como editar o vídeo.

O pouco tempo para preparo dessas videoaulas não permitiu que houvesse muita reflexão sobre a qualidade do material produzido em termos técnicos, o desafio do *aprender fazendo* foi de alguma maneira instigador e o que possibilitou tal empreitada (MORAN, 2002, p.3). Houve sim, de forma consciente, uma grande preocupação em se produzir um material com qualidade de conteúdo e informação, da maneira que a tarefa solicitada pelo professor fosse possível de ser realizada pelos alunos. Isto de fato aconteceu, sendo percebido e bem recebido pelos alunos.

Buscou-se inicialmente um programa de edição de *software* livre, com linguagem simples e de fácil compreensão. Com este intuito, adotou-se o programa *Lightworks* para a edição das imagens, com diversos tutoriais disponíveis de forma gratuita na rede, o que viabilizou que o professor compreendesse suas ferramentas a cada vídeo elaborado, aperfeiçoando-os.

À medida que os vídeos iam sendo produzidos, alguns problemas foram percebidos e sanados, como a questão do áudio, que, com a utilização do aparelho celular não conseguiu uma boa captação, ficando o problema do áudio evidenciado nas cenas em que se tomava certa distância do aparelho. Esse problema foi resolvido com a aquisição de um microfone de lapela, melhorando substancialmente a qualidade das falas.

Problemas pertinentes as captações das imagens também ocorreram, tais como questões relacionadas ao foco, principalmente na construção dos bolsos, etapa em que, com o produto finalizado não há como desfazer e refazer as costuras realizadas devidos aos cortes das aberturas nos tecidos. Notou-se aí a necessidade de se produzir uma segunda peça para que essas cenas fossem melhor captadas.

As questões ligadas ao foco das imagens estavam diretamente relacionadas ao tipo de aparelho que era utilizado, um aparelho de telefone celular comum. Diante do enorme retrabalho que a precariedade do equipamento ocasionou, o uso de um equipamento profissional se tornou essencial. Uma câmera de fotografia e vídeo, equipamento disponível pelo curso, passou a ser utilizado na sequência das videoaulas,

algo que exigiu mais tempo e dedicação do professor no estudo das funções de tal equipamento, mas que se mostrou fundamental para a melhora da qualidade das imagens produzidas, sendo este tempo despendido com o estudo da câmera foi compensado com a redução do trabalho na etapa de pós-produção e na edição das imagens.

Como Moran (2012, p.4) evidencia, “podemos começar por formas de utilização das novas tecnologias mais simples e ir assumindo atividades mais complexas”. A cada vídeo editado mais domínio se obtinha dos recursos empregados, do programa de edição e das possibilidades que este oferecia. Os primeiros vídeos longos, com cenas quase que ininterruptas, foram aos poucos melhorados com cortes, acelerações, adição de informações textuais às cenas, dentre outros avanços.

## **OUTRAS DIFICULDADES NA PRODUÇÃO DAS VIDEOAULAS**

Com o pouco tempo de preparo para as videoaulas, algo em torno de um mês, a disciplina iniciou com apenas 30% dos vídeos prontos e disponíveis, sendo o restante realizado à medida que o semestre avançava, chegando ao término quase que simultâneo da produção dos vídeos pelo professor com a entrega das tarefas pelos alunos. Isto aconteceu pelo fato que a produção de cada um dos vídeos com uma duração média de 15 minutos, exigiu em torno de 12 horas de trabalho, divididos entre as etapas de “pré-produção” com a roteirização do conteúdo proposto, a organização dos espaços e materiais; a “produção” referente a gravação em si e a “pós-produção” com a edição e compartilhamento das videoaulas (PEREIRA, 2017). Além das questões de ordem técnica anteriormente mencionadas com relação às dificuldades encontradas na captação da imagem e do som, houve ainda outros pontos importantes que exigiram do professor com relação a direção das imagens, tais como:

Posicionar o enquadramento da câmera para a sutileza do detalhe que se quer mostrar, acioná-la e em seguida ocupar o lugar da cena, pois a falta de um apoio técnico para garantir a sequência na tomada das imagens foi um agravante nesse tipo de captação, o que gerou um tempo exaustivo de produção das inúmeras repetições de cena que foram realizadas, a fim de se obter o melhor foco, o melhor ângulo, a melhor compreensão do que se pretendia evidenciar.

Realizar um jogo de posições para a captação dos movimentos, ora direcionando a câmera, ora retomando o lugar de protagonista da cena, o que exigiu uma dedicação do professor tal qual aquele necessário em sala de aula, durante a atividade de trabalho de ensino. Muda-se o cenário, as ferramentas, os desafios, mas o objetivo principal permanece que é o compromisso com a educação.

## **RESULTADOS ALCANÇADOS**

O retorno por parte dos alunos a cada etapa vencida foi o incentivo para que o trabalho avançasse e melhorasse a cada fase do processo de aprendizagem. Houve uma satisfatória compreensão dos alunos nas tarefas propostas pelo professor, manifestada por meio da sequência operacional de cada etapa em que os alunos registravam não apenas a tarefa concluída, mas o passo a passo de maneira breve, de modo que o professor pudesse verificar a autenticidade do trabalho e das técnicas empregadas.

Ao término da disciplina “Acabamentos em Alfaiataria” uma pesquisa qualitativa foi realizada com a aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas, no intuito de ouvir o aluno com relação às dificuldades encontradas, críticas e sugestões apresentadas sobre a aula remota. Foram questionados

aspectos como o nível de aprendizado ao final da disciplina (fig.1) e também o número de acessos ao conteúdo da videoaula (fig.2) entre outros pontos.

Nível de aprendizado



Figura 1. Pergunta fechada para averiguar o nível de aprendizado ao término da disciplina.

Com que frequência você precisou recorrer aos videos para compreender a tarefa?

19 respostas



Figura 2. Pergunta fechada com relação ao número de acessos ao conteúdo das videoaulas.

Dentre as perguntas abertas, destaco uma das respostas em que a aluna Ana Júlia tece um comentário geral sobre a disciplina, sua opinião à respeito do ensino remoto e a inserção das novas tecnologias de ensino no processo de ensino-aprendizagem, sugerindo ferramentas:

A inserção da tecnologia no ensino é sempre um ganho, um avanço, pois permite ir além da aula presencial e além do plano físico. Seria possível por exemplo destrinchar uma peça utilizando animações virtuais 3D para um melhor entendimento do processo. Ela também permite que o conhecimento seja passado em menor tempo pela visualização mais rápida. Permite aos alunos, ver e rever o conteúdo de forma mais autônoma, sem que precisem recorrer tanto ao professor para explicações. É possível desenvolver muito mais essa disciplina por ferramentas digitais (não é necessário, mas essa é a vantagem da tecnologia), apesar de exigirem um maior conhecimento. Com uma edição avançada de vídeo, seria possível criar animações ou colagens de imagens sobre o vídeo para demonstrar partes mais difíceis de serem compreendidas (Ana Júlia, 2021).

Percebe-se nessa fala que nossos alunos estão abertos e dispostos a avançar apropriando-se dessas novas tecnologias de ensino. São possibilidades a serem exploradas, as quais nós professores devemos estar abertos para compreender e assimilar.

## CONCLUSÕES

Ao término dessa disciplina foi possível constatar o bom nível de compreensão do conteúdo por parte dos alunos pela qualidade dos produtos apresentados e o grau de satisfação apresentado no questionário aplicado. O preparo de uma videoaula requer muitas horas de trabalho, no entanto, após finalizado, poderá continuar a ser explorado pelo professor por um tempo indeterminado.

A perspectiva do uso da ferramenta audiovisual de ensino abre novos horizontes com relação às disciplinas práticas. Conteúdos apresentados em videoaula facilitam enormemente a apreensão e compreensão dos temas por parte dos alunos, que tem a possibilidade de acessá-los sempre que necessário, ver e rever as imagens até que a informação tenha sido devidamente assimilada.

Porém, cabe destacar que este tipo de produção de conteúdo só é possível havendo uma equipe de suporte, equipamentos e treinamento para o professor que estiver disponível a tal feito. Sem esse apoio torna-se inviável, pois como pontua Hodges *et al* (2020, p.3), “não importa o quão inteligente uma solução possa ser – e algumas soluções muito inteligentes estão surgindo – muitos dos professores, compreensivelmente, acharão esse processo estressante”.

Apesar dos desafios na produção de uma videoaula apontados nesse artigo, é um esforço que se considera válido para a educação, pois a possibilidade de expandir os conteúdos abordados em sala de aula por meio de videoaulas amplia-se consideravelmente, uma vez que, estando o professor ancorado no material produzido por ele, adquire a liberdade em avançar na proposição de novas temáticas, elevando o nível do aprendizado em sala de aula, privilegiando os encontros presenciais para tratar de outros assuntos como a resolução de dúvidas, a conferência dos trabalhos desenvolvidos e também questões pertinentes ao humano que felizmente nenhuma tecnologia é capaz de substituir. É o que podemos considerar um ensino de qualidade, de acordo com Christensen *et al* (2002, p.3) “uma tentativa de oferecer o melhor de dois mundos – isto é, as vantagens da educação online combinadas com todos os benefícios da sala de aula tradicional”.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. *Portaria nº 343*, de 17 de março de 2020. Diário Oficial da União: Brasília, DF, p. 1.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. *Portaria nº 345*, de 19 de março de 2020. Diário Oficial da União: Brasília, DF.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. *Portaria nº 473*, de 12 de maio de 2020. Diário Oficial da União: Brasília, DF.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. *Portaria nº 544*, de 16 de junho de 2020. Diário Oficial da União: Brasília, DF.
- CHRISTENSEN, C. M., HORN, M. B., STAKER, H. (2013). Ensino Híbrido: uma Inovação Disruptiva? Uma introdução à teoria dos híbridos. Clayston Christensen Institute: Acesso em 20 julho, 2021. <https://bit.ly/3Cc7ZBC>

- DIAS, A. C. (2008). *As imagens do mundo no mundo da escola repensando contribuições da tecnologia para Imagem & Educação*. Educação: Porto Alegre, v. 31, nº 3, p. 223-231.
- HODGES, C., TORREY, T., MOORE, S., BOND, A., & LOCKEE, B. (2020) *Diferenças entre o aprendizado online e o ensino remoto de emergência*. EDUCAUSE: Acesso em 20 julho, 21. <https://bit.ly/3MjWofa>
- MAZZEU, I. R., AMBRÓZIO, M. (2012). *Processos de produção e distribuição de vídeos na SEaD-UFSCAR*. In: *Simpósio Internacional de Educação a Distância (SIED)*. Encontro de Educadores em Educação a Distância (EnPED), 2012. Universidade Federal de São Carlos. Anais do SIED:EnPED.
- MORAN, M. J. *Desafios da televisão e do vídeo à escola*. Texto de apoio ao programa Salto para o Futuro da TV Escola no módulo TV na Escola e os Desafios de Hoje. no dia 25 agosto, 2002. Acesso em 09/01/22. <https://bit.ly/3hEPbS4>
- PEREIRA, V. C. (2017). *Uma proposta de instrumento de roteirização de videoaulas à luz da teoria instrucional e da aprendizagem multimídia*. Texto Livre: Linguagens e tecnologia: Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 178-197
- SPANHOL, G. (2009). *Processos de produção de vídeo-aula*. CINTED-UFRGS, Porto Alegre, v. 7